



SIMON BOLIVAR

Cel AYRTON SALGUEIRO DE FREITAS

Simon José Antônio de la Santísima Trinidad Bolívar y Palácio nasceu em Caracas, em 1783, sendo o último filho de uma das famílias mais ricas e nobres da colônia.

Aos três anos de idade perdia o pai, sendo, logo depois, sua educação entregue a um tutor, que mais tarde caracterizou a infância de Bolívar como a de um menino "insuportável, imperioso, audaz, voluntarioso e por vêzes intragável".

Tempos depois foi-lhe dado outro tutor, o erudito Andrés Bello. A êste sucedeu Simon Rodriguez, figura de literário, nutrido de Enciclopedismo e Revolução Francesa.

Tornaram-se inseparáveis e, cavalgando juntos por montes e vales, o moço Bolívar aprendia com êle, a um tempo, os Direitos do Homem e a arte de bem montar — dois instrumentos capitais para sua carreira futura.

A América Espanhola fazia as suas primeiras experiências revolucionárias, quando Bolívar, com 15 anos, foi enviado a Madri, para completar sua educação.

Durante três anos sua vida foi um turbilhão de luxo e prodigalidade, em Madri, Paris, Londres e Lisboa. Seu fino espírito o tornou favorito das côrtes e dos salões. Adestrado esgrimista, soberbo cavaleiro, hábil dançarino, tornou-se conhecido como o "Príncipe Bolívar". Os alfaiates de Londres copiavam-lhe o figurino das casacas e os chapeleiros de Paris lançaram a moda dos "chapeaux Bolívar".

Nessa época da mocidade, Bolívar admirava Bonaparte, então a caminho da glória; mas a política ainda não o empolgava. O amor absorvia-o e iria pôr um fim inesperado e brusco a essa fase tumultuosa de sua existência.

Na Espanha, Simon conheceu e amou Dona Maria Teresa del Toro e tempos depois com ela contraiu casamento.

Oito meses depois do regresso dos noivos à América, sua esposa morria vitimada pelas febres.

— “Isso me levou para além das coisas profanas e me fez concentrar o pensamento nas dores de minha pátria oprimida” — dizia Bolívar...

Voltou então à Europa e, tendo tornado a encontrar Rodriguez, o mestre errante de seus primeiros anos, deixou-se imbuir e entusiasmar pelas doutrinas humanitárias e revolucionárias do preceptor. Deram, juntos, longos passeios filosóficos.

Em 1803 Bolívar assistia, na famosa Notre Dame de Paris, à coroação de Napoleão Bonaparte, que tanto admirara anos antes e em quem via agora, a encarnação da tirania.

— “A coroação do Imperador, — comentava êle depois — pareceu-me uma determinação do inferno. A coroa que Napoleão, por suas próprias mãos, cingiu, é uma relíquia de épocas tenebrosas”...

Pouco tempo depois, no alto do Monte Sacro, pronunciava as palavras que talharam o curso de sua existência e decidiram do destino de quase meio continente :

— “Pelo Deus de meus avós e a terra que me viu nascer, juro que minhas mãos nunca terão descanso, nem repouso a minha alma, enquanto eu não houver quebrado os grilhões que nos prendem à Espanha”!

Sem dúvida, tal resolução era um pouco pretenciosa : rapaz de 23 anos não gozava de nenhum prestígio especial nos países que pretendia libertar e sua experiência em cousas de guerra não passava dos poucos anos que frequentara a Milícia Venezuelana. Nascera, entretanto, dotado de confiança em si mesmo e de ilimitada capacidade para altos e grandes sonhos ; e no seu caso os sonhos não ficavam no mundo das quimeras ; exigiam sempre esforços de imediata realização.

Decidiu partir para a Venezuela, via Boston, com parada em Nova York, Filadélfia, Washington e Charleston. Estudou, assim de perto, as instituições e o funcionamento da democracia norte-americana.

O ano de 1810 foi, para a América Espanhola, o ano da Liberdade. Em Caracas conspirava-se e as notícias que chegavam da Europa entusiasavam os conspiradores patriotas. A crise de Espanha, ocupada pelas hostes “jacobinas” de Napoleão, precipitou os acontecimentos.

Quando Bolívar desembarcou na Venezuela, disposto a empreender a luta, começou logo a trabalhar secretamente por intermédio de um grupo de jovens aristocratas, difundindo a idéia de República entre as camadas populares.

Comissionado pelos patriotas a ir para a Inglaterra, não só como emissário político, como, ainda, para persuadir à Miranda a regressar à América para assumir o comando das operações de terra, Bolívar embarcou cheio de esperanças.

Em 1811, depois de ter-se avistado, em Londres, com Lord Wellesley, chanceler da coroa, na qualidade de “delegado” da Junta de Caracas, Bolívar regressou, arrastando atrás de si Miranda e trazendo, pelo menos, a simpatia da Inglaterra.

Aos 3 dias de julho de 1811, lançou, pela primeira vez, em público, na sua terra, o grito de Liberdade e reclamou a independência absoluta da Venezuela. Uma tremenda vaga de sentimento nacional avassalou Caracas, e um congresso de patriotas declarou a Venezuela nação livre.

Estava lançada a sorte. Miranda esforçou-se por organizar um exército com os bandos heterogêneos de "peões" e jovens aristocratas e elegantes que se tinham na conta de oficiais do exército. Era tarefa para desanimar aos mais arroçados e Miranda acabou por resistir.

Um dos fatores que mais contribuiu para seu insucesso foi o tremor de terra que destruiu a maior parte de suas tropas, suprimentos e munições. Esforçando-se por levantar o ânimo daquele povo, que via no sismo um "castigo do Senhor", Bolívar numa de suas preleções feitas nas ruas de Caracas, declarou:

— "Se a Natureza conspira com o despotismo, para nos esmagar, lutaremos contra a própria Natureza e acabaremos por subjugá-la".

As legiões de veteranos espanhóis derrotaram os patriotas, sendo Miranda prêso; Bolívar quase que por milagre, conseguiu escapar.

A primeira república estava morta e Bolívar era agora um exilado, sem vintém, na ilha de Curaçáu. Tudo o que possuira — vastas propriedades, inúmeras manadas, quarteirões na cidade — tudo fôra confiscado pelos espanhóis, sendo Bolívar forçado a viver de esmolas, para não morrer de fome.

Poucas semanas passadas e já êle fugia para a Nova Granada, desembarcando em Cartagena e lançando uma proclamação de ardente patriotismo. Ali, lhe foi dado o comando de uma força de 200 homens, com os quais iria lançar-se à segunda campanha de libertação da Venezuela.

Na primeira fase da luta, Bolívar aprendera muito sôbre a maneira de conduzir a guerra contra os espanhóis. Graças aos conhecimentos adquiridos consegue, na noite de 21 de dezembro de 1812, sem uma peça de artilharia, atacar de surpresa a bem fortificada e artilhada guarnição de Tenerife, tomando-lhe arsenais e paióis. Logo na noite seguinte, deu um golpe de mão contra Monpox e dispersou as forças espanholas. Assim continuou seis dias e seis noites, durante as quais travou seis batalhas.

Em duas semanas tinha expulsado o inimigo de tôda aquela zona, e abria a navegação do rio Madalena.

Por tôdas as aldeias e vilas o povo recebia Bolívar com aclamações e os recrutas alistavam-se, às centenas, sob sua bandeira.

Reanimado, resolve rumar para a Venezuela, mas isto era uma empresa de vastas proporções. Entre o patriota e seu objetivo encontravam-se 6.000 soldados espanhóis e 800 kms de terreno montanhoso e difícil.

Em princípios de Fevereiro de 1813, rompeu a marcha à testa de 500 homens. Carregados de armas e bagagens, os soldados abriram caminho, lutando sempre, através de gelados platôs e de profundas gargantas de rocha.

À frente de todos, incansável, reanimando-os, inspirando-os com suas palavras fulgurantes — Bolívar cantava apimentadas canções francesas.

As ações militares dessa campanha foram tôdas do mesmo caráter heróico. Bolívar supria seus conhecimentos sôbre a arte militar com audácia, a rapidez e a surpresa, evitando atacar de frente, desbordando o inimigo pelos flancos, dividindo as forças adversárias para depois abatê-las separadamente.

Uma após outra, as forças espanholas caíram sob seu gládio e, a cada vitória, suas tropas se avolumava até se transformarem num verdadeiro exército, com artilharia, cavalaria e corpo de saúde. Dentro de noventa dias, após o início da marcha, Bolívar tinha travado e ganho seis batalhas de vulto e conquistado toda a região ocidental da Venezuela.

Quando o comandante espanhol recebeu a notícia de que Bolívar avançava sobre Caracas, rendeu-se sem opôr qualquer resistência.

Sua entrada na cidade de Caracas pareceu uma página arrancada aos anais da Roma antiga. As portas da capital, de cabeça descoberta, elegante nas suas botas Wellington, e no seu uniforme azul e branco, pesadamente bordado a ouro, Bolívar tomou lugar na carruagem ornamentada de louros e palmas... Doze môças, vestidas de branco e coroadas de flôres, tomaram de uma corda de seda e lentamente lhe foram puxando o carro pelas ruas. A multidão aplaudia com entusiasmo a chegada do grande herói da Venezuela.

Um Congresso, reunido a toda pressa, proclamou mais uma vez a república e conferiu a Bolívar o título de Libertador, único que êle iria usar até a morte, preferindo-o sempre ao de ditador, que mais de uma vez lhe outorgaram.

Mas não tardou que, da Espanha, começassem a chegar navios carregados de soldados, veteranos da Guerra Peninsular, que desembarcavam e invadiam o país. Bolívar, para se lhe opôr, dispunha apenas dos meios que era possível arrancar a uma terra empobrecida e mal povoada.

Na rápida campanha que se seguiu, rodeado por todos os lados de inimigos ferozes e implacáveis — os temíveis "llaneros" de Boves cooperaram com os espanhóis para esmagar a república — Bolívar conseguiu algumas vitórias, como no Araure, Carabobo, São Mateus, etc... Mas foi forçado a se retirar para o mar, à frente de um trágico cortejo de refugiados, abandonando Caracas à fúria dos espanhóis.

Refugiado em Curaçau, a intriga ferveu em volta dêle, e muitos companheiros o abandonaram. Mas Bolívar não era homem para desanimar e depressa regressava a Nova Granada — desta vez sem um soldado — onde o Congresso Nacional de Tunja o recebeu como herói.

Já avançava, porém, o General Morillo, herói espanhol das campanhas napoleônicas, e Nova Granada teve sorte idêntica à da Venezuela.

E de novo Bolívar se exilou; agora, em Jamaica.

Na miséria, reduzido a uma camisa que não podia mandar lavar por falta de dinheiro e escapando quase por milagre ao punhal de um assassino, Bolívar lançou um de seus mais notáveis documentos: — a proclamação em que prevê as desgraças políticas da América Espanhola e esboça o sonho, nunca realizado, do Congresso Americano do Panamá.

A proposta que lançou à Inglaterra foi notável: — Em troca de ajuda aos patriotas em dinheiro e armas, os ingleses apoderar-se-iam de Panamá e Nicarágua, então espanhóis, e acrescentava que era sedutora a oferta, pois a perfuração de um canal entre o Pacífico e o Atlântico daria à Inglaterra o domínio do comércio do Novo e do Velho Mundo. Aconselhava ainda aos ingleses que não demorassem, porque senão outra nação realizaria essa idéia. A Inglaterra de fato se

interessou, mas a Santa Aliança interveio no caso e as negociações fracassaram.

Estêve em Jamaica seis meses e foi ainda daí que redigiu um dos documentos mais preciosos de sua vida: a Carta da Jamaica.

Dirigido a um oficial inglês, a 6 de setembro de 1815, continha ela em resumo:

1) A análise dos erros e dos crimes dos espanhóis na América, que originou na luta e na revolta pela independência. — “Que fizeram eles? Sugaram a terra e escravizaram os habitantes. Ao americano só é permitido ser escravo e plantar, pois têm os espanhóis para estorquir”.

2) A revolução falhou porque, sob o ponto de vista social, o povo da Venezuela não estava preparado, pois saíram de postos subalternos para logo legislar em todos os cargos.

3) A Europa tinha interesse em libertar a América para estabelecer o equilíbrio do mundo e ali preparar os postos avançados de sua economia.

4) A análise das bases jurídicas dos povos latino-americanos. Compara a situação com o Império Romano depois da queda, com a diferença de que, lá, cada um dos núcleos se entregou ao próprio destino e aqui são mestiços, sem passado.

5) Condena a democracia no período inicial — “Não se coaduna com o nível moral do povo, pois este não tem virtudes cívicas”...

6) Dita, na carta, a forma de governo: — uma república central com governo semelhante ao inglês, sem rei e com presidente eleito eterno e duas câmaras hereditárias e uma câmara com menos direitos que a dos Comuns. Condena a monarquia absoluta e as monarquias na América, para evitar o imperialismo.

7) Profetiza o Panamericanismo — “Tôdas as províncias da América, devem unir-se e pedir auxílio a um país de outro continente, para fazer cessar o domínio espanhol...”

Sabe, agora, que Cartagena está sitiada pelos espanhóis e para lá embarca. Ao chegar, a cidade já se encontrava em mãos dos espanhóis e resolve rumar para o Haiti, a república negra que sacudira o jugo de França, batendo as tropas de Napoleão. Não lhe faltaram os negros patriotas com auxílio: armas, dinheiro, munições. E, de novo, Bolívar embarca, desta vez rumo à pequena ilha de Margarida, na Venezuela, de onde passaria ao Continente, para iniciar sua carreira triunfal de Libertador.

Mas, desta feita, êle teria a seu lado os ferozes centauros dos Llanos, sob o comando do irrequieto Paez.

A batalha decisiva dêste período preliminar foi, a de Carabobo. A campanha durou por 14 anos, disseminando-se por grande parte do continente.

Por todo êsse vasto campo de luta, Bolívar conduziu seus magros exércitos, quase sempre numericamente inferiores, aos dos adversários, mal vestidos, mal alimentados, insuficientemente armados. Entraram muita vez em combate levando cada homem apenas uma salva de cartuchos. Uma feita nem sequer isso: iam armados de cana de bambu, que manejavam como lanças! Tendo perdido aqui um exército, como que surgia mais longe com outro, vindo não se sabe donde.

— “Nada se pode comparar à infatigável atividade dêste chefe”, escrevia um dos generais espanhóis ao seu rei. — “Doze batalhas campanhas consecutivas, durante as quais os seus melhores soldados e oficiais ficaram no campo da honra, não foram suficientes para quebrar a tenacidade com que vem fazendo a guerra contra V. M.”.

Conquanto seus exércitos fôsem não poucas vêzes derrotados, a confiança de Bolívar no triunfo final nunca fraquejou. Um dia, num banquete organizado pelos oficiais, êle saltou para cima da comprida mesa e caminhou da cabeceira até o extremo oposto declamando :

— “Do mesmo modo que percorro esta mesa, de ponta a ponta, marcharei do Atlântico ao Pacífico, do Panamá ao Cabo de Horn, até que o derradeiro espanhol seja expulso dêste continente !”

Depois, virando-se, percorreu a mesa em sentido oposto :

— “E dessa maneira regressarei, sem nunca ter feito mal a uma alma cristã, exceto a todos aquêles que se opuseram ao desempenho de minha sagrada missão !”...

E essa era também a sua intenção ; pelo menos isso foi, sem tirar nem pôr, o que êle realizou.

A maior façanha de Bolívar, e uma das maiores da História da América, no consenso dos militares, foi sua marcha, desde Angustura (hoje Cidade Bolívar), no baixo Orenoco, através de todo o continente, até atingir o maciço principal dos Andes, que atravessou entre incalculáveis dificuldades. Ainda hoje não existe, ao longo da rota que tomou, nem estrada, nem sequer um trilho.

Compreendia o seu exército 1.600 infantes e 800 cavaleiros. Acompanhavam-nos algumas centenas de mulheres. Eram todos gente das planuras, ou “llanos” que nunca tinham visto uma montanha nem sentido a crueldade do frio. A primeira parte da jornada decorreu na travessia dos “llanos”, ardente, e de juncais, onde a umidade era sufocante, no pino da estação chuvosa, que é o tempo mais quente do ano. Foram 450 quilômetros de inferno ; logo depois, as planícies de Casanare — intérrimas, inundadas, sob a chuva constante...

Dias e dias sem descanso, durante 3 semanas, a coluna lá foi patinhando lentamente para a frente, com água por vêzes a dar-lhes pela cintura.

À noite, homens, mulheres e animais amontoavam-se nos tufos de erva que, aqui e além, se erguiam acima da morna inundação. O vestuário apodrecia-lhes nos corpos, as feridas rasgavam-se e ulceravam nos membros nús. Muitos deles caíram e se afundaram para sempre naquelas águas lodosas.

E os Andes, por fim... Aquêles “llaneros” exaustos olharam com assombro para as alturas, lá onde os picos tocavam os céus, deslumbrantes na brancura das neves eternas.

Para manter o inimigo na ignorância de seu paradeiro, Bolívar tomou por um trilho raras vêzes usado, ao atravessar um dos mais altos desfiladeiros do maciço. Ardendo em febre, esfaimados, quase nús, os soldados seguiram-no por aquelas gargantas mortais da serania...

Os muralhões de rocha se erguiam quase a pique. O pequeno exército lá se ia arrastando e trepando conforme podia, por ali acima, agarrando-se às arestas. Os que ali escorregassem, se caíam, ninguém o sabia ; porque o estrondo da queda não chegava a tamanhas alturas...

A medida que galgavam, o ar se tornava mais fino e rarefeito. Os corações batiam desordenadamente e a grande e traiçoeira fadiga das altitudes insinuava-se nos corpos enfraquecidos.

Durante seis dias subiram as montanhas. Depois, desembocaram no desolado Páramo de Pisba, a 3.900 metros acima do nível do mar. Ali passaram uma noite, que foi de tôdas a pior. Quando, no dia seguinte, o exército começou a descer a vertente oposta, muitos de seus componentes jaziam inanimados, como molhos de coisas, congelados na neve.

Três mil séres humanos tinham iniciado a marcha sob o comando do Libertador; só 1.200 espectros desceram as ladeiras ocidentais dos Andes. Apesar disso, após alguns dias de repouso, êle derrotava um exército de veteranos espanhóis que vitoriosamente se tinham batido sob as ordens de Wellington! Foi com esta tropa miserável que, em Boyocá, a 7 de agôsto de 1819, derrotou os soldados de Barreiros. E essa batalha foi o momento decisivo de tôda a guerra, principalmente no território de Nova Granada.

Concluída a sôbre-humana travessia dos Andes, o prestígio de Bolívar subiu mais alto do que nunca. Cresceram os exércitos e os recursos, ao mesmo tempo que se evoluavam as forças de Espanha.

Compreendendo que a liberdade era impossível para qualquer país da América do Sul, enquanto a Espanha tivesse uma colônia, através da qual pudesse atacar, Bolívar marchou de país em país, ignorando as fronteiras coloniais, combatendo os espanhóis onde quer que os encontrasse.

Seu exército ganhou quatro grandes e retumbantes vitórias — cada uma das quais libertou uma nação, e tôdas elas tão famosas para a América Espanhola, como qualquer grande batalha da História: — Boyocá, Carabobo, Pichincha e Ayacucho.

A parte suas grandes qualidades de chefe, três fatores contribuíram para seu êxito final. Em primeiro lugar, seus emissários em Londres recrutavam alguns milhares de jovens oficiais ingleses e irlandeses que constituíram a brilhante "Legião Inglesa". Em seguida, Luiz Brion, mercador judeu de Curaçáu, construiu por sua conta, uma pequena armada, assumiu em pessoa o seu comando e manteve livres de espanhóis as bocas do Orenocó, apoiando dêsse modo a retaguarda do Libertador. E, finalmente, José Antônio Paez, astucioso e temível guerreiro dos "llanos", com milhares de ferozes cavaleiros e vastos rebanhos de gado à sua disposição, não só forneceu a cavalaria e mantimentos, mas se manteve constantemente guardando o flanco das tropas de Bolívar, que marchavam para os Andes.

Uma das passagens mais interessantes da vida de Bolívar foi a conferência que manteve com San Martin, em Guaiaquil; dêsse encontro amistoso de diplomatas, Bolívar saiu também vitorioso; a sua irresistível personalidade, os seus triunfos nos países andinos, tornavam-no, a título legítimo, o libertador do Perú e San Martin retirou-se discretamente, abandonando-lhe o império dos Incas.

Bolívar combatera durante 15 anos, dirigira cêrca de 500 combates e libertara uma área imensa, que abrange as repúblicas atuais de Venezuela, Colômbia, Equador, Bolívia e Perú. Apesar disso, não foi só a glória militar que fêz dêle uma espécie de ídolo aos olhos do seu povo; sua calorosa eloquência, nutrida de ideais, inflamava também as massas do Novo Mundo.

Bolívar foi, com efeito, uma das penas mais fecundas de todos os tempos. No dia de sua morte, seus manuscritos enchiam dez baús!

Uma pequena parte dêsse total está representada por uma coleção de trabalhos, que enche 32 grossos volumes... Escrevia constantemente; em plena batalha, à noite, no acampamento e nas reuniões sociais.

Proclamações, discursos, tratados políticos, cartas à gente por todo o mundo:

— “Pessoas há, escrevia, que precisam estar sós e longe do tumulto para que possam pensar. Eu, penso melhor no meio das multidões e entre o fragor das batalhas”...

Ditava, por vêzes, a três secretários, ao mesmo tempo.

— Arranjem-me melhores escritôes! — bradava. — Mais rápidos! Não há quem possa seguir meus pensamentos!”

Para cada um dos países que libertou, escreveu Bolívar uma constituição e organizou um governo, nos mínimos detalhes; convocou congressos, administrou finanças, constituiu gabinetes, nomeou representantes diplomáticos e esboçou políticas internas e externas.

Seu pensamento era clarividente e profético, como a história veio provar subsequenteemente. Predisse o curso futuro de cada país no mundo ocidental, para os 100 próximos anos de vida. Instou pela construção do Canal de Panamá, predisse a formação de uma grande união de repúblicas americanas, que se erguesse como um baluarte contra as filosofias reacionárias do Velho Mundo. Chegou a tomar a iniciativa de formar essa união e convidou tôdas as nações americanas a enviarem representantes a um congresso a reunir em Panamá. O Congresso chegou a reunir-se, mas redundou num fracasso.

Bolívar já o previra dizendo:

— “Mas a semente ficará na terra e algum dia reventará em frutos...”

Como homem, Bolívar tinha a personalidade e o encanto que tanto significam para o líder popular. Durante as campanhas, compartilhava dos sacrifícios de seus homens. Mas era também amigo da música e da dança e nunca desprezava ocasião para tomar parte numa festa. Um seu camarada de luta descreveu-o, certa vez, com estas palavras:

— “Está em constante movimento. Quando segue as veredas da floresta, vai depressa, corre, tenta deixar para trás os companheiros, propõe-se pular mais e melhor que nenhum deles... Quando deitado na rêde, balançava-se com rapidez, cantando, falando veemente, recitando versos franceses. Na intimidade dos amigos é por vêzes gritante e irreverente. Tão depressa, porém, chega um estranho, torna-se discreto, cortês, e domina logo pela dignidade”.

A qualidade que Simon possuía em grau superlativo era a de que os Espanhóis denominaram “hombria”, o poder de dominar pela virilidade, pela fôrça do caráter. Irradiava êsse poder como uma carga elétrica, que induzia a todos os que se encontrassem em sua presença. Certa vez, durante um armistício, encontrou-se com o comandante dos espanhóis, o general Morillo. A entrevista foi uma batalha de espírito, um torneio psicológico. E Bolívar facilmente bateu o adversário. Morillo resignou o seu comando e retirou-se para a Espanha.

O General Francisco Santander, homem fino e culto, exprimiu-se assim, a respeito de Bolívar:

— “Êste homem tem uma presença que cega e fascina. Tendo-me avistado com êle, muitas vêzes entrei zangado para sair da entrevista

desarmado e cheio de admiração por êle. Nenhum homem pode afrontar Bolívar cara a cara !”

Tinha cumprido tudo o que jurara realizar ; mas agora o seu sonho subia e crescia até conceber a união política de todos os novos Estados, sob um só e forte governo central, de certo modo semelhante ao dos Estados Unidos. Mas as forças do nacionalismo e a luta das facções políticas, ciosas do seu próprio poder em cada um dos novos Estados, levantaram-lhe sérias e amargas dificuldades. Velhos amigos, camaradas de armas, muitos o encaravam agora como inimigo político. As nações, que se tinham unido como uma só contra a madre Espanha, estavam agora prontas a entrar em luta armada umas com as outras.

Em desespero de causa, Bolívar recomeçou as suas intermináveis jornadas, na esperança de restabelecer a unidade. Seu velho prestígio se mantinha e por tôda parte o vitoriavam entusiasticamente. Mas nem mesmo um Semi-Deus pode pretender possuir o precioso dom da ubiqüidade ; tão depressa êle deixava um país, já as ondas da dissensão reventavam de novo nas suas costas.

— “Levei a vida a lavrar no mar !” costumava êle bradar no fim, cansado e desiludido.

Bolívar não advogou o estabelecimento da “pura” democracia. Sentia que aquelas nações ainda não estavam maduras para o regime na sua máxima expressão.

— “Seus olhos saíram recentemente da escuridão para que possam agüentar essa luz sacrossanta e ofuscante!...”

O que êle propunha, para os diversos Estados republicanos, era alguma coisa semelhante ao sistema de governo inglês, avizinhandose mais dêsse que do americano: uma Câmara Baixa, eletiva, um Senado Hereditário e um Presidente Vitalício.

É bem verdade que a qualquer época êle poderia ter se proclamado ditador e forçado todos os países que libertara a aceitar seu poder. Mas tinha horror à ditadura. Quando, uma vez, certo grupo propôs que se fizesse coroar imperador, Bolívar replicou :

— O título de Libertador está acima de qualquer outro que a vaidade humana possa ter concebido ; nem quero pensar na possibilidade de o degradar!...”

Todos aquêles anos de fadigas e sacrifícios acabaram repercutindo no seu organismo ; doente e fatigado, era um velho aos 47 anos. Quando afinal, estando em Bogotá, lhe anunciaram que a Venezuela e o Peru, a Bolívia e o Equador (já então separados) tinham aceitado governos ditatoriais, Bolívar compreendeu que era chegado o seu fim.

— “Estou para morrer, escreveu. Completei o meu ciclo. Deus está me chamando”.

Tinha resolvido exilar-se para morrer, pensando que a sua presença nas repúblicas, que tinha criado, poderia causar maiores dissensões.

Os amigos rogaram-lhe que ficasse e impusesse sua vontade pelas armas. Ao seu chamado, diziam, milhares de homens acudiriam a enfileirar ao lado dele. Mas Bolívar recusou fazer uso dêsse processo contra seus próprios conterrâneos.

Alguns dos seus aliados das grandes horas de luta eram agora seus rivais ou inimigos : Paez e Santander. O melhor de todos os seus amigos e discípulo dileto, Sucre, fôra assassinado.

Bolívar via desfeito o seu sonho de unidade e paz americana.

Quando saiu de Bogotá, a população alinhava-se tristemente ao longo das ruas, chorando à sua passagem. Representantes de nações estrangeiras, membros do governo, centenas de cidadãos o acompanharam até os arredores da cidade. Chegados ali, desmontaram de seus cavalos e o abraçaram. Bolívar trepou, a custo, na sela e desapareceu na estrada que conduz ao litoral.

Na fragata que o levava para a ilha de Jamaica, o Libertador adoeceu; o capitão decidiu arribar na costa da Colômbia e desembarcá-lo em Santa Marta. Levado para terra numa liteira, Bolívar era a sombra do homem que fôra.

Conversando com o médico que o assistiu no fim, perguntou-lhe:

— “Que é que o trouxe a estas terras?”

— “Vim buscar a Liberdade, Exa.”

— “E a encontrou?”

— “Sim, respondeu o médico.”

— “Então foi mais feliz do que eu...”

Ditou ali seu testamento de que fazem parte estas palavras:

— “Se a minha morte contribuir para que cessem as lutas de partido e se consolide a união, baixarei tranqüilo à sepultura”...

Nenhum dos séres que mais amou estavam presentes. Pobre quase só, Simon Bolívar morria no modesto refúgio da Quinta de S. Pedro Alexandrino, com 47 anos, no dia 17 de dezembro de 1830, undécimo aniversário da fundação da república.

Suspensa de um colar, ao pescoço, tinha a medalha de George Washington, que Lafayette lhe mandara.

Em tempos, quando o povo de Caracas propôs que lhe fôsse levantada uma estátua, Bolívar tinha dito:

— “Esperem que eu morra para poderem me julgar sem preconceitos!”

— “Nunca se devia erguer um monumento a nenhum homem em sua vida, pois êle pode trair. Nunca terão que me acusar de traidor; mas esperem.”

A posteridade julgou-o plenamente. Doze anos após sua morte, uma grande armada de guerra fundeava na baía de Santa Maria. Ao lado das bandeiras das nações que êle libertara, pendiam dos mastros, à meia haste, as bandeiras da Inglaterra, da Holanda e da França. A cidade estava cheia de representantes de nações estrangeiras. Ao som das salvas de artilharias as cinzas de Bolívar foram colocadas num escaler e levadas para bordo de um navio que as esperava. Em breve, a grande frota levantava ferros e sulcava para Leste.

Assim, regressaram à pátria os restos do Libertador. Caracas apresentava-se de luto e por sôbre os cais foram erguidos arcos ao triunfador. Sob êles, desfilou uma grande procissão de grandes homens de tôdas as nações; no fim do cortejo vinha um enorme carro funerário, cavalo envoltos em panos negros, grinaldas e flôres.

A multidão, silenciosa, via passar o cortejo ao som de suave e va-garosa marcha fúnebre.

Bolívar viera repousar finalmente no cantinho que sempre aspirara — no coração de seu povo e da história...